

## Spy Files: empresas de vigilância na mira da Wikileaks

1 de Dezembro, 2011 - 19:21h

A Wikileaks divulgou esta quinta-feira os "Spy Files", com informações acerca da lucrativa indústria da vigilância de comunicações eletrónicas. E conclui que hoje em dia a espionagem faz-se em massa e não é submetida a qualquer controlo.

Poucas semanas após anunciar uma retirada para obter financiamentos, a organização de Julian Assange regressa à divulgação de ficheiros secretos e logo sobre uma das indústrias onde o segredo é não apenas a alma, mas também o próprio negócio. Colaborando com duas organizações antiescutas - Privacy International e Bugged Planet - e com órgãos de imprensa de seis países, a Wikileaks libertou 287 documentos <sup>[1]</sup> esta quinta-feira, e promete divulgar mais nas próximas semanas e no próximo ano.

As revelações que faz são preocupantes. Segundo a apresentação destes "Spyfiles", "os serviços secretos, forças militares e autoridades policiais são capazes de intercetar telefonemas ou apoderar-se de computadores silenciosa e massivamente, sem qualquer ajuda das operadoras de telecomunicações". E localizar qualquer portador de telemóvel, mesmo que ele esteja no bolso.

Para além das companhias <sup>[2]</sup> sedeadas nos países mais desenvolvidos estarem a vender a tecnologia que permite fazer isto a ditaduras dos países pobres e do Médio-Oriente, também estão a fornecê-la aos serviços de informações nos países ocidentais. "Nas histórias de espões tradicionais, as secretas como o MI5 inglês põem escutas nos telefones de uma ou duas pessoas que estão a investigar. Nos últimos dez anos, os sistemas de vigilância massiva e indeterminada tornou-se a regra", acrescenta a Wikileaks.

A organização dá exemplos da utilização destes sistemas, lembrando as salas de escuta descobertas no Egito e na Líbia, onde se encontraram aparelhos da britânica Gamma, a francesa Amesys, a sul-africana VASTech ou da chinesa ZTE Corp. Ou de outras companhias que criam vírus e 'cavalos de Tróia' que tomam conta dos computadores e telemóveis - "incluindo iPhones, Blackberries e Androids" - registando cada movimento e som, mesmo o som ambiente quando o telefone está inativo.

Num dos casos mais conhecidos, uma empresa subsidiária da Nokia Siemens "forneceu ao governo do Bahrein a tecnologia de intercepção que localizou o ativista dos direitos humanos Abdul Ghani Al Khanjar", a quem mostraram detalhes das conversas telefónicas quando foi interrogado e torturado no fim de 2010. E há também o caso da empresa RIM, que se ofereceu para ajudar o Estado inglês a apanhar os seus clientes que usaram o Blackberry

Messenger durante os motins de agosto. A mesma empresa está em negociações para fazer o mesmo com os governos da Arábia Saudita, Emiratos Árabes Unidos, Índia e Líbano.

O tratamento das comunicações interceptadas também faz parte deste negócio milionário, que explodiu após os atentados de 11 de setembro de 2001 e a aprovação do "Patriot Act" pela administração Bush, que abriu a porta para a utilização de sistemas de vigilância e interceptação de comunicações em massa por parte das forças de segurança. A Wikileaks fala do projeto apresentado em janeiro passado, no valor de 1,5 mil milhões de dólares, que a CIA vai enterrar no deserto do Utah num complexo com capacidade para guardar e tratar muitos terabytes de informação recolhida. A organização de Assange lembra também que a secretaria dos EUA já adquiriu software que consegue o reconhecimento automático da voz, podendo instantaneamente identificar e localizar qualquer pessoa.

O risco da aplicação concreta deste software ficou evidente numa disputa em tribunal entre duas empresas que trabalharam com o mesmo código-fonte. Segundo a Wikileaks, o criador da versão original processou a empresa que a alterou e depois vendeu o software à CIA. E disse em tribunal estar espantado quando soube que o usavam para localizar e alvejar pessoas através de aviões não tripulados, uma vez que a margem de erro do software era superior a 12 metros.

Os documentos agora revelados estão divididos por empresa e incluem brochuras, manuais de instruções, catálogos de artigos e preços e outras informações como a apresentação da arquitetura dos sistemas informáticos usados ou até um contrato proposto pela empresa francesa Amesys, com as especificações técnicas do sistema de vigilância e proteção de comunicações, com data de novembro 2006. O cliente era a Líbia [3].

Artigos relacionados:

?A WikiLeaks não vai acabar? [4]

Sobre o/a autor(a):

- [Biblioteca](#)
- [Agenda](#)
- [Jornal Esquerda](#)
- [Blogosfera](#)
- [Comunidade](#)
- [Revista Vírus](#)
- [Wikifugas](#)
- [Ficha Técnica](#)

---

**URL de origem:** <http://www.esquerda.net/artigo/spy-files-empresas-de-vigil%C3%A2ncia-na-mira-da-wikileaks/20915?page=0>

**Ligações:**

[1] <http://wikileaks.org/the-spyfiles.html>

[2] <http://wikileaks.org/The-Spyfiles-The-Map.html>

[3] [http://wikileaks.org/spyfiles/docs/amesys/105\\_homeland-security-program-technical-specification-public.html](http://wikileaks.org/spyfiles/docs/amesys/105_homeland-security-program-technical-specification-public.html)

[4] <http://www.esquerda.net/artigo/%E2%80%9Cwikileaks-n%C3%A3o-vai-acabar%E2%80%9D>